

Escola de Ciências Sociais e Humanas  
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL  
NA DEFICIÊNCIA**

Leonor Anachorêta Matoso

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Comunitária e Proteção de Menores

Orientador(a):

Professora Doutora Joana Baptista, Professora Auxiliar  
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2019

## **Agradecimentos**

A todos os que acreditaram que eu era capaz!

À professora Joana Baptista, que apareceu em forma de sonho no meio desta caminhada.

À Cati, ao Diogo, ao Gustavo, à Inês, à Marta, ao Neno, aos Ricardos, à Sílvia e à Teresa que perdoaram a minha ausência, e aturaram todas as minhas inseguranças.

À Mónica e à Rita, que mesmo sem saber me inspiraram da primeira à última palavra desta tese.

À Patrícia e à Isabel, por me ouvirem e por me lembrarem que há esperança nas alturas mais difíceis.

À Dr.<sup>a</sup> Cristina, que me mostra sempre que até o impossível é possível.

À Inês, que com o seu talento tornou tudo mais bonito.

À minha mãe e à minha irmã, a quem eu sabia que podia pedir ajuda, sem ter que pedir.

Ao meu pai, que me obrigou a começar e a acabar este projeto.

Às mães que conheci, pela confiança. Mas sobretudo pelo exemplo de vida.

A Deus, pela oportunidade de superar mais este desafio!

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

### Resumo

Embora a qualidade das interações pais-criança seja hoje uma temática de amplo interesse, a investigação relativamente às crenças acerca da parentalidade sensível permanece escassa, sendo inexistente no contexto da criança com deficiência/incapacidade. Nesta esteira, o presente trabalho teve como objetivos (1) descrever as crenças maternas acerca da parentalidade sensível de mães com filhos/as com deficiência, bem como examinar as relações entre aquelas crenças e (2) as características sociodemográficas das famílias e (3) o *stress* materno percebido. Participaram 40 mães, com pelo menos um/a filho/a com deficiência até aos 7 anos de idade. As mães preencheram uma ficha sociodemográfica e o *Questionário de Fatores de Stress Quotidiano* (Kanner, Coyne, Schaefer, & Lazarus, 1981; Negrão, Pereira, & Soares, 2009), que avalia o grau de *stress* percebido pelas mães em situações relacionadas, direta ou indiretamente, com o exercício da parentalidade. Adicionalmente, preencheram o *Maternal Behaviour Q-Sort* (Pederson & Moran, 1995; Pederson et al., 1999), na sua versão adaptada (Emmen et al., 2012), para a avaliação das percepções maternas acerca do comportamento parental sensível ideal. Os resultados demonstraram forte convergência entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e o constructo teórico de sensibilidade segundo a Teoria da Vinculação. Mães com menos habilitações literárias, menor rendimento mensal familiar e que reportaram níveis mais elevados de *stress* quotidiano evidenciaram crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível. Estes resultados apontam para a importância da implementação de intervenções comunitárias, em particular em famílias expostas a adversidade socioeconómica, que visem diminuir o *stress* parental na deficiência.

**Palavras-chave:** deficiência, sensibilidade materna, crenças parentais, *stress* parental, adversidade socioeconómica

### **Categorias e Códigos de Classificação da APA:**

**2956** Educação e Cuidado Infantil

**3200** Perturbações Psicológicas e Físicas

### **Abstract**

The quality of parent-child relationship has been the object of many studies and recent interest. Nevertheless, research on maternal beliefs about sensitivity is still scarce. This is a topic yet to be explored in the context of child disability. Therefore, the present study aims to (1) describe maternal beliefs about sensitive parenting in mothers with a child with disability, as well as to examine the relations between those beliefs (2) and maternal sociodemographic characteristics and (3) perceived stress. This study included 40 mothers with, at least, one child with a disability up to 7 years of age. Mothers reported on sociodemographic factors and filled in the *Daily Hassles Questionnaire* (Kanner, Coyne, Schaefer, & Lazarus, 1981; Portuguese version by Negrão, Pereira, & Soares, 2009), in order to assess stressors related to daily life and to the exercise of parenthood. Mothers sorted the adapted version (Emmen et al., 2012; Mesman et al., 2016) of the *Maternal Behaviour Q-Sort* (Pederson & Moran, 1995; Pederson et al., 1999), to reflect their ideas about the ideal mother. Results revealed a strong convergence between maternal beliefs about the ideal mother and attachment theory's concept of the sensitive mother. Mothers with lower educational attainment, lower monthly family income and who reported higher levels of everyday stress showed beliefs about the ideal mother as less sensitive. These results point to the importance of implementing community interventions, particularly with families exposed to socioeconomic adversity, aimed at reducing parental stress in the context of child disability.

**Keywords:** disability, maternal sensitivity, parental beliefs, parenting stress, socioeconomic adversity

### **APA Classification Categories and Codes:**

**2956** Childrearing & Child Care

**3200** Psychological & Physical Disorders

**Índice**

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I. Enquadramento Conceptual e Empírico .....</b>	<b>3</b>
O conceito de sensibilidade parental .....	5
Crenças acerca da parentalidade sensível .....	6
Parentalidade (sensível) na deficiência.....	9
Parentalidade na deficiência e <i>stress</i> .....	11
<b>Capítulo II. Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo III. Método .....</b>	<b>18</b>
Participantes.....	18
Instrumentos .....	19
<i>Crenças maternas acerca da parentalidade sensível</i> .....	19
<i>Stress quotidiano materno..</i> .....	20
<i>Informação sociodemográfica</i> .....	20
Procedimento .....	21
Estratégia Analítica.....	21
<b>Capítulo IV. Resultados.....</b>	<b>22</b>
<b>Capítulo V. Discussão .....</b>	<b>26</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>31</b>

**Índice de Tabelas**

Tabela 1. <i>Caracterização Sociodemográfica da Amostra</i> .....	19
Tabela 2. <i>Estatísticas Descritivas: Crenças Acerca da Parentalidade Sensível e Stress Materno</i> .....	22
Tabela 3. <i>Itens Mais e Menos Característicos da Mãe Ideal</i> .....	23
Tabela 4. <i>Associações entre Crenças Maternas Acerca da Parentalidade Sensível, Stress Quotidiano Materno e as Condições Socioeconómicas na Família</i> .....	24

### Introdução

A sensibilidade parental diz respeito à capacidade da figura cuidadora para perceber e interpretar corretamente os sinais e as comunicações da criança e para responder a esses sinais e comunicações de forma pronta e adequada (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978). A investigação revela-se consistente, ao demonstrar que a sensibilidade materna atua como um forte preditor da segurança da vinculação (e.g., de Wolff & van Ijzendoorn, 1997; Mesman & Emmen, 2013). Estudos vieram demonstrar que crianças classificadas como seguras tendem a estar expostas a cuidados maternos mais responsivos, caracterizando-se as suas mães como mais sensíveis em relação aos interesses e ritmo do bebé durante os primeiros meses de vida (Ainsworth et al., 1978).

A literatura acerca da sensibilidade parental tem sido maioritariamente informada pela parentalidade no contexto da criança com desenvolvimento típico, sendo em menor número os estudos conduzidos em ambientes de cuidados que potencialmente conferem risco para a qualidade das interações pais-criança, em particular no âmbito da criança com deficiência ou incapacidade. A isto, acumula-se a inexistência de investigação com foco nas crenças maternas acerca da parentalidade sensível de mães com filhos/as com deficiência ou incapacidade. O presente estudo pretendeu dar resposta a esta lacuna, tendo procurado aceder às perceções de 40 mães com filhos/as com deficiência ou incapacidade acerca do que consideram ser a *mãe ideal*. Este estudo teve ainda como propósito analisar as relações entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e o *stress* materno percebido e as características sociodemográficas das famílias.

Aprofundar este tópico justifica-se, não apenas pela escassez de investigação, mas também pelo cenário nacional acerca da deficiência e incapacidade. Assim, de acordo com os censos 2011 (Instituto Nacional de Estatística, 2012), em Portugal, aproximadamente 40,5% dos indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos tinham pelo menos um problema de saúde ou doença prolongada, e 17,4% tinham pelo menos uma dificuldade na realização de atividades básicas. À data, a coexistência de problemas de saúde prolongados e de dificuldades na realização de atividades básicas afetava cerca de 16% dos indivíduos de uma mesma faixa etária. O Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho e Segurança Social (2016), por sua vez, veio dar conta de que em 2015 existiam mais de 87 mil

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

beneficiários da Bonificação do Abono de Família para Crianças e Jovens com Deficiência, mais 3,7% do que em 2010 e mais 49% do que em 2005. Trata-se de números bastante elevados e que tendem a aumentar, pelo que importa refletir acerca da definição de estratégias de intervenção apropriadas com estas crianças e suas famílias.

De acordo com o art. 1º, da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência *“As pessoas com deficiência incluem aqueles que têm incapacidades duradouras físicas, mentais, intelectuais ou sensoriais, que em interação com várias barreiras podem impedir a sua plena e efectiva participação na sociedade em condições de igualdade com os outros”*. Desta forma, é necessário refletir-se sobre como melhor intervir para prestar suporte a estas famílias, que se encontram frequentemente em situação de fragilidade, não só pelas especificidades e exigências de cuidar de alguém com deficiência, como pelos desafios à integração destes indivíduos nos diversos contextos da sociedade.

Com este enfoque, e tal como mencionado anteriormente, este estudo pretendeu contribuir para a literatura, ao explorar as crenças maternas acerca da parentalidade sensível no contexto da criança com deficiência, bem como as suas relações com o *stress* materno percebido e as características socioeconómicas destas famílias.

No que concerne à sua estrutura, a presente tese inicia-se com o **enquadramento conceptual e empírico**, debruçando-se sobre o conceito de sensibilidade parental e as suas relações com o desenvolvimento da criança, as crenças acerca da parentalidade sensível, e o fenómeno da parentalidade (sensível) no âmbito da deficiência e o *stress* materno. De seguida, é apresentado o estudo propriamente dito, incluindo o **problema, objetivos e hipóteses**, bem como o **método**, sendo descritos os participantes, os instrumentos de recolha de dados, o procedimento e a estratégia analítica.

Por último, são exibidos os **resultados** obtidos e a **discussão** dos mesmos, com a apresentação das limitações que caracterizam o presente estudo e reflexões acerca de investigações futuras e contributos para a prática.

### Capítulo I. Enquadramento Conceptual e Empírico

Segundo a Teoria da Vinculação (Bowlby, 1969/1982), ao longo do primeiro ano de vida, a criança constrói uma relação privilegiada com uma figura de vinculação (ou um grupo seletivo de figuras) com quem estabelece uma relação afetiva que perdura no tempo, e junto de quem procura proximidade e contacto em momentos de percepção de *stress*, medo ou mal-estar (e.g., quando está assustada, com fome) para obtenção de conforto e proteção, através da apresentação de um conjunto de comportamentos de vinculação (e.g., chorar, gatinhar até à figura). Trata-se de uma relação assimétrica e complementar, na medida em que existe a *criança*, que necessita de proteção e de conforto, e a *figura cuidadora*, que é reconhecida como mais forte e com a capacidade para proteger e acalmar a criança (Soares, Martins, & Tereno, 2007).

De acordo com John Bowlby (1969/1982), o sistema de vinculação caracteriza-se por ser de *natureza instintiva*, que garante a proteção da criança, conferindo, desta forma, vantagem evolutiva ao ser humano e aumentando a probabilidade de sobrevivência e reprodução da espécie. Caracteriza-se ainda por ser de *natureza universal*, pois todas as crianças detêm a capacidade para o estabelecimento de uma relação privilegiada com uma ou mais figuras, desde que estejam salvaguardadas as condições ambientais necessárias (e.g., existência de uma figura de cuidados estável e consistente), constituindo-se o estabelecimento do vínculo como uma necessidade básica.

Apesar de tal universalidade, a teoria e a investigação acentuam a existência de variabilidade na qualidade da relação de vinculação entre a criança e a figura prestadora de cuidados. A partir dos contributos iniciais de Ainsworth et al. (1978), debruçados sobre a análise minuciosa dos comportamentos interativos da criança no decorrer do procedimento laboratorial estandardizado denominado de *Situação Estranha*, destaca-se a existência de três padrões organizados de vinculação na infância: Padrão A/Inseguro-evitante, Padrão B/Seguro ou Padrão C/Inseguro-ambivalente/resistente. Estes padrões refletem a utilização pela criança de uma estratégia mais ou menos ótima para obtenção de segurança e proteção junto da figura cuidadora.

O procedimento laboratorial *Situação Estranha* foi elaborado no âmbito de um estudo longitudinal do desenvolvimento da vinculação durante o primeiro ano de vida da criança

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

(Ainsworth et al., 1978). É constituído por uma sequência fixa de oito episódios, concebidos para ativar e/ou intensificar o sistema de vinculação, que envolvem dois momentos de separação e dois momentos de reunião entre a criança, entre os 12 e os 18 meses de idade, e a figura cuidadora, bem como a introdução de uma pessoa não familiar para a criança. Observam-se as reações da criança à presença da pessoa estranha, bem como os seus comportamentos de procura de proximidade, manutenção do contacto, resistência e evitamento face à figura parental, sobretudo nos momentos de reunião (Ainsworth et al., 1978; Soares et al., 2007).

Os estudos de Ainsworth et al. (1978), ancorados na *Situação Estranha*, vieram destacar diferenças na organização dos comportamentos acima mencionados em torno dos padrões de vinculação. Os autores observaram que crianças classificadas como seguras na *Situação Estranha* tendiam a procurar proximidade e contacto físico com a figura cuidadora em momentos de reunião, não evidenciando comportamentos de evitamento ou rejeição em relação ao contacto com a figura. Estas crianças tendiam a responder ao conforto e eram, assim, mais capazes de regressar à exploração e ao jogo. As crianças classificadas como inseguras, por sua vez, evidenciavam um comprometimento no uso da figura cuidadora como refúgio seguro e base segura, para a obtenção de conforto e regulação das emoções, e regresso à exploração. Os autores observaram que estas crianças tendiam a afastar-se ou a evitar a figura cuidadora, especialmente nos momentos de reunião (i.e., crianças inseguras-evitantes), ou tendiam a resistir ativamente ao contacto por elas solicitado e oferecido pela figura (i.e., crianças inseguras-ambivalentes/resistentes).

Anos de investigação têm destacado, consistentemente, que o estabelecimento de um vínculo seguro constitui-se como um fator determinante para múltiplos domínios do desenvolvimento saudável da criança (e.g., Sroufe, 2005), prolongando-se esta influência até à idade adulta (Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005). Autores demonstram que o estabelecimento de uma relação de vinculação segura na infância tem impacto no funcionamento neuroendócrino (Feldman, 2017; Schore, 2000), contribuindo para a aquisição e a maturação de diferentes competências da criança, desde cognitivas a sociais, emocionais e comportamentais (e.g., Raikes & Thompson, 2008; Sroufe, 2005).

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

Não surpreendentemente, e ancorados na pertinência dos resultados supra mencionados, autores têm procurado identificar os fatores, desde individuais a contextuais, explicativos da (in)segurança da vinculação. A este respeito, tanto a Teoria da Vinculação (1969/1982) como dados da investigação (Ainsworth et al., 1978; de Wolff & van Ijzendoorn, 1997) salientam que os padrões de vinculação acima mencionados parecem emergir, pelo menos em parte, da história de cuidados providenciados à criança durante o primeiro ano de vida, muito particularmente da sensibilidade parental.

### **O conceito de sensibilidade parental**

A sensibilidade parental diz respeito à competência da figura prestadora de cuidados para perceber e interpretar corretamente, e responder de forma adequada e pronta aos sinais e às comunicações da criança, quer sejam sinais/comunicações de *stress*, quer sejam sociais (Ainsworth et al., 1978). Apesar de existir heterogeneidade na definição de sensibilidade parental em função de diversos fatores individuais e contextuais (Mesman, van Ijzendoorn, & Bakermans-Kranenburg, 2012), autores têm apontado para a universalidade do constructo, descrevendo o seu impacto no funcionamento socioemocional da criança, incluindo em diferentes culturas (e.g., Emmen, Malda, Mesman, Ekmekci, & van Ijzendoorn, 2012; Mesman et al., 2012; van Ijzendoorn & Sagi-Schwartz, 2008).

De acordo com a investigação, pais de crianças seguras tendem a caracterizar-se como mais sensíveis ao ritmo e interesses da criança, quer em situações de jogo quer de rotina. Por sua vez, pais de crianças classificadas como inseguras tendem a apresentar-se como pouco sensíveis ou inconsistentes e menos calorosos (e.g., Ainsworth et al., 1978; Egeland & Farber, 1984; Pederson et al., 1990; Smith & Pederson, 1988; Wright, Hill, Sharp, & Pickles, 2018). Uma meta-análise (de Wolff & van Ijzendoorn, 1997), que reuniu 66 estudos sobre os antecedentes parentais da vinculação, confirma tais resultados. Os autores verificaram que a sensibilidade parental era um forte preditor da segurança da vinculação.

Para além do impacto na qualidade das relações de vinculação, a sensibilidade parental assume-se como um forte promotor de outras áreas do desenvolvimento da criança, incluindo do desenvolvimento cognitivo, social e comportamental adaptado (e.g., Belsky & Fearon, 2002; Deans, 2018). A título exemplificativo, destaca-se o estudo de Wang, Christ, Mills-

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

Koonce, Garret-Peters, & Cox (2013). Estes autores constataram que um decréscimo na sensibilidade materna entre os 3 e os 11 anos estava associado à presença de mais problemas de externalização entre os 4 e os 12 anos. Raby, Roisman, Fraley, & Simpson (2015), por sua vez, vieram demonstrar o impacto da sensibilidade no funcionamento subsequente da criança. Num estudo conduzido com 243 famílias, os autores verificaram que a sensibilidade materna durante os primeiros 3 anos de idade da criança estava associada à competência social e acadêmica na adolescência. Estes resultados parecem ser fortalecidos pela investigação que demonstra que a intervenção na sensibilidade parental promove, não apenas a qualidade da relação de vinculação, mas também outras áreas do funcionamento da criança (Juffer, Struis, Werner, & Bakermans-Kranenburg, 2017; Mesman & Emmen, 2013), incluindo em amostras de risco (Moss et al., 2011).

Tendo em conta os resultados empíricos anteriormente ilustrados, é hoje vasta a investigação sobre a avaliação dos comportamentos parentais sensíveis (Mesman & Emmen, 2013) e dos seus efeitos no desenvolvimento da criança (Belsky & Fearon, 2002; Bretherton, 2013; de Wolff & van Ijzendoorn, 1997). Porém, salienta-se a escassa exploração das crenças parentais acerca da parentalidade sensível, verificando-se uma atenção maioritária na observação dos comportamentos parentais, não obstante a sua pertinência. Este é um dos focos do presente estudo, que pretende analisar as crenças maternas acerca da parentalidade sensível, em particular no âmbito da criança com deficiência.

### **Crenças acerca da parentalidade sensível**

O estudo das crenças acerca da sensibilidade parental reveste-se de elevada pertinência, ao considerar-se que as mesmas podem refletir-se em estilos e comportamentos parentais diferentes. A forma como uma/um mãe/pai percebe e interpreta os sinais de uma criança, e as suas respostas podem estar dependentes das ideias acerca daquilo de que as crianças necessitam. Por exemplo, pais com objetivos parentais mais coletivistas têm sido descritos como mais autoritários, restringindo comportamentos indesejáveis sem explicação, enquanto que pais integrados em culturas mais individualistas tendem a ser mais autoritativos, recorrendo à reflexão e fornecendo explicações que visam orientar o comportamento da criança (Mesman et al., 2012).

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

Apesar do anteriormente exposto, o estudo das crenças parentais acerca da parentalidade sensível permanece, aos dias de hoje, diminuto. Sobre este tópico, destaca-se o estudo de Emmen et al. (2012), que visou analisar as crenças maternas acerca da parentalidade sensível numa amostra de 75 mães com filhos entre os 6 meses e os 6 anos de idade. Os autores recorreram na sua investigação a uma versão adaptada do *Maternal Behaviour Q-Sort* composta por 90 itens (MBQS; Pederson & Moran, 1995; Pederson, Moran, & Bento, 1999), embora o MBQS tivesse sido originalmente desenvolvido como um instrumento observacional. A versão original do MBQS contém descrições acerca dos comportamentos maternos sensíveis produzidas com base em observações em contexto naturalista, sendo cotadas pelos investigadores. Estas descrições foram elaboradas à luz das escalas da sensibilidade materna de Mary Ainsworth (Ainsworth et al., 1978; Moran, Pederson, Pettit, & Krupka, 1992), ancoradas na Teoria da Vinculação (Bailey, Moran, Pederson, & Bento, 2007; Bowlby, 1969/1982; van Ijzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg, & Riksen-Walraven, 2004). O MBQS faculta informação acerca dos comportamentos sensíveis das mães perante situações do quotidiano e sinais/comunicações da criança (Pederson & Moran, 1995; Pederson et al., 1999). A versão adaptada do MBQS apresentada por Emmen et al. (2012), por sua vez, é preenchida pela mãe através da distribuição de 90 itens que descrevem as situações do dia-a-dia presentes na versão original do instrumento, sendo solicitado à mãe que classifique cada um dos itens de acordo com o que considera ser a *mãe ideal* em termos de sensibilidade parental. A metodologia Q-Sort recorre à distribuição de itens a categorias previamente estabelecidas, usando uma distribuição fixa.

Em particular, no estudo de Emmen et al. (2012) procurou-se examinar diferenças nas crenças maternas acerca da *mãe ideal*, em termos da parentalidade sensível, em função das condições sociodemográficas e culturais, incluindo o nível educacional da mãe e a sua situação económica, e a etnia. Os autores hipotetizaram que as crenças acerca da *mãe ideal* seriam idênticas nos diferentes grupos culturais e socioeconómicos, dado o carácter universal da sensibilidade parental (Mesman et al., 2012), e baseando-se nos contributos de Posada et al. (1995) sobre o fenómeno transversal transcultural dos comportamentos de vinculação. Os autores concluíram que as condições socioeconómicas da família mediavam a relação entre a

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

etnia e as crenças maternas acerca da sensibilidade parental. Mães pertencentes a minorias étnicas estavam expostas a condições socioeconómicas mais precárias, designadamente a menor rendimento familiar, o que por sua vez explicava crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível. Este estudo veio alertar para o facto das tensões económicas afetarem de forma negativa, não apenas os comportamentos sensíveis maternos, mas também as suas crenças acerca da parentalidade sensível. Para além dos resultados anteriormente apresentados, no estudo anterior foram ainda observadas associações significativas entre o nível de escolaridade materno e as crenças maternas acerca da *mãe ideal*.

Mais recentemente, Mesman et al. (2016) procuraram perceber se as crenças acerca da *mãe ideal* eram similares entre diferentes culturas, recorrendo à versão adaptada do MBQS (Emmen et al., 2012). Globalmente, os autores constataram a existência de convergência entre diferentes culturas, no que concerne às crenças acerca da *mãe ideal*. Neste estudo, com pontuações mais elevadas surgiram os itens associados a comportamentos parentais mais afetuosos (e.g., item 33, “*Usa principalmente o contacto físico com seu(sua) filho(a) em vez de usar a sua voz.*”). Por sua vez, os itens relacionados com comportamentos parentais negativos foram os menos valorizados pelos participantes (e.g., item 90, “*É negativa e cruel com o/a seu/sua filho/a.*”). Este estudo veio, assim, confirmar que a sensibilidade parental, tal como é formulada pelos autores da Teoria da Vinculação (Ainsworth et al., 1978), é um constructo universal na forma como é entendida por pais de diferentes culturas, podendo (e devendo) a sensibilidade parental ser validamente medida em contextos não-ocidentais.

Apesar dos resultados anteriores, Mesman et al. (2016) observaram relações significativas entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e características sociodemográficas das famílias. Em consonância com o estudo de Emmen et al. (2012), verificou-se que a menor escolaridade materna e o baixo rendimento familiar estavam associados a crenças acerca da *mãe ideal* menos convergentes com o constructo de sensibilidade parental. Adicionalmente, o maior número de filhos, quando ocorria em simultâneo com fracos recursos económicos, emergiu associado a um maior distanciamento entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e o constructo de sensibilidade parental. Mães que vivenciavam dificuldades socioeconómicas valorizaram menos as dimensões da parentalidade associadas aos afetos que exigem investimento de tempo, revelando uma maior

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

preocupação com tópicos de sobrevivência e subsistência. Ancorados nos resultados acima descritos, Mesman et al. (2016) concluem, refletindo sobre a necessidade de aprofundamento da investigação acerca dos fatores que podem exercer impacto na concepção parental de sensibilidade.

No presente estudo, pretendemos dar resposta a necessidades anteriormente identificadas, salientando a pertinência de analisar as crenças maternas acerca da sensibilidade parental em contextos de cuidados em risco para alterações na qualidade das interações pais-criança (Karmiloff-Smith et al., 2012), nomeadamente na deficiência. Este é um tópico por explorar na literatura. Na verdade, se a literatura acerca dos comportamentos parentais sensíveis é diminuta no que concerne à criança com deficiência ou incapacidade, comparativamente à investigação com pais de crianças com desenvolvimento típico, ela é ausente quanto às crenças parentais acerca da sensibilidade. Esta área lacunar da literatura é surpreendente, quando se considera que o aprofundamento do conhecimento acerca das crenças parentais poderá servir de veículo para informar intervenções com vista à promoção da qualidade das interações entre os pais e a criança com deficiência.

### **Parentalidade (sensível) na deficiência**

Os avanços científicos acerca da avaliação e impacto da sensibilidade parental no desenvolvimento da criança têm sido grandemente informados pela parentalidade no contexto da criança com desenvolvimento típico, sendo em menor número os estudos conduzidos em ambientes de cuidados que potencialmente conferem risco para a qualidade das interações pais-criança, designadamente no âmbito da criança com deficiência ou incapacidade (Karmiloff-Smith et al., 2012). Hoje, assiste-se a um interesse crescente sobre o tópico, com foco em perturbações específicas, sendo esta uma área de estudo e preocupação crescente na literatura.

Aprofundar o conhecimento acerca da sensibilidade parental na deficiência justifica-se, não só pelo menor número de estudos sobre esta temática, como também pelos resultados científicos que sugerem diferenças nos padrões de interação entre a criança com deficiência e os seus pais, quando comparadas com crianças com desenvolvimento típico (Juffer et al., 2017; Smith & Grzywacz, 2014).

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

A este respeito, um conjunto de estudos tem vindo a apontar para diferenças nos padrões de interação entre as crianças com deficiência e as suas mães, comparativamente com crianças com desenvolvimento típico (e.g., Blacher, Baker, & Kaladjian, 2013). Diferenças no comportamento interativo tanto da criança como da mãe têm sido relatadas. Crianças com Paralisia Cerebral, por exemplo, têm sido descritas como evidenciando dificuldades acrescidas na sinalização das suas necessidades, nomeadamente sociais (Barfoot, Meredith, Ziviani, & Whittingham, 2015), caracterizando-se pelo menor envolvimento e cooperação na interação com as suas mães (Barfoot et al., 2015). As suas mães, por seu turno, aparentam ser menos sensíveis e aceitantes durante as rotinas (Sayre, Pianta, Marvin, & Saft, 2001; Welch, Pianta, Marvin, & Saft, 2000), evidenciam menos afeto positivo (Blacher et al., 2013), pelo que tendem a exercer maior controlo e domínio sobre as interações (Veness & Reilly, 2008).

Barfoot e colegas (2015), por sua vez, verificaram que a intervenção junto de mães com filhos/as com Paralisia Cerebral, nomeadamente centrada nas dificuldades associadas à comunicação, com consequências ao nível da responsividade, tinha efeitos positivos ao nível do relacionamento da díade. De acordo com autores, as famílias, por meio das interações recorrentes que estabelecem entre os seus elementos, são capazes de desenvolver estratégias de comunicação efetivas, mesmo sem recurso à comunicação verbal. Os profissionais de saúde devem fornecer instrumentos que auxiliem no aperfeiçoamento desta comunicação, de forma a promover a autonomia familiar e o estabelecimento de uma comunicação eficaz com as crianças com Paralisia Cerebral (Baltor, Borges, & Dupas, 2014).

Outro dos desafios que emerge na literatura relativamente à parentalidade sensível no âmbito da deficiência denota os sentimentos de angústia vivenciados pelos pais e que estes estão relacionados com a menor disponibilidade emocional na relação pais-filho. Muitos pais reportam sintomas depressivos, verificando-se que, nestes casos, tendem a demonstrar menor sensibilidade durante as interações, menor capacidade para estruturar ou promover uma atividade para atender às necessidades de desenvolvimento dos/as filhos/as, e tendência a ser hostis durante as interações. Como consequência, os/as filhos/as apresentam menor probabilidade de demonstrar capacidade de resposta e envolvimento nestas interações (Barfoot, Meredith, Ziviani, & Whittingham, 2017).

### **Parentalidade na deficiência e *stress***

As dificuldades na interação pais-criança acima descritas podem ser entendidas à luz dos desafios quotidianos a que as famílias com uma criança com deficiência ou incapacidade parecem estar expostas. A parentalidade é um fenómeno complexo, dinâmico e multidimensional, exigindo dos pais e das famílias adaptações significativas e múltiplas (Conde & Figueiredo, 2007). Diversos autores reforçam que os pais de filhos/as com deficiência ou incapacidade estão em risco acrescido para experienciar *stress* relativamente a pais com filhos com desenvolvimento típico (e.g., Woodman, Mawdsley, & Hauser-Cram, 2015). No caso da deficiência e incapacidade da criança, a necessidade de ajustamento é acrescida, vendo-se os cuidadores confrontados com desafios ainda mais exigentes (Vonneilich, Lüdecke, & Kofahl, 2016). De acordo com a pesquisa de Wang e Jong (2004), os pais com filhos com Paralisia Cerebral experienciam distintos e múltiplos desafios e *stress*.

Na verdade, o nascimento de um filho com deficiência assume-se como um dos acontecimentos mais significativos na vida de um casal, que se repercute no contexto familiar, social e político. Acarreta mudanças significativas na estrutura e na dinâmica familiar, tanto ao nível do comportamento, como ao nível das emoções de todos os seus membros. Quando tomam conhecimento de que vão ser pais de uma criança com deficiência, os cuidadores experienciam uma diversidade de sentimentos, existindo o desencontro entre o filho idealizado e aquele que vai nascer. O diagnóstico vai invalidar as narrativas que haviam elaborado acerca da parentalidade e acerca da criança que conceberam no seu imaginário. Paralelamente, surgem sentimentos como culpa, rejeição, negação e desespero, que culminam na necessidade dos pais efetuarem, na altura do nascimento ou quando tomam conhecimento do problema, o luto face ao filho saudável que havia sido projetado (Guerra et al., 2015; Hussain & Juyal, 2007; Schuengel et al., 2009).

Autores descrevem a solidão e o cansaço manifestados pelos pais, que crescem com a evolução da perturbação, assim como o receio de não terem a capacidade para cuidar da criança, consequência do avançar da sua idade e/ou do aparecimento de doenças. Estes pais vivenciam, muito frequentemente, isolamento social, reflexo não só da condição física e desenvolvimental dos filhos, mas também da inexistência de convívio social, bem como de

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

atividades de lazer a que se dediquem (Cramm & Nieboer, 2011; James, 2012; Martins & Couto, 2014).

O sistema familiar vai direcionar todos os cuidados para a criança, ficando, por vezes, descurado o suporte aos próprios pais (James, 2012). As mães, enquanto cuidadoras principais na sociedade ocidental atual, dedicam-se, com frequência de forma integral, à prestação de cuidados à criança, centrando-se nas necessidades da criança e no seu quadro clínico, passando para segundo plano a sua vida pessoal, social e profissional, a fim de garantir o melhor desenvolvimento dos filhos (e.g., Cramm & Nieboer, 2011; Gray, 2003; Guerra et al., 2015; Martins & Couto, 2014). A mãe transforma-se em cuidadora com a função de executar as indicações dos profissionais, sendo descurada a sua dimensão psicológica, bem como da família. A mãe deixa de vivenciar a sua condição de mulher, passando a ser encarada apenas como mãe de uma criança com deficiência (Guerra et al., 2015; James, 2012).

Ao anteriormente descrito, juntam-se desafios instrumentais. Nestas famílias, passa a ser premente uma maior dedicação de tempo e investimento emocional dos pais a atividades de cuidados, sendo necessária uma (re)organização das rotinas, que terão que ser repensadas perante a integração da criança (e.g., Dellve, Samuelsson, Tallborn, Fasth, & Hallberg, 2005; Fernandes, Vale, Nóbrega, Dias, & Sousa, 2012; Guerra et al., 2015; Martins & Couto, 2014; Pereira & Kohlsdorf, 2014), implicando, por exemplo, terapias várias e atividades de reabilitação. Acumulam-se as lacunas ao nível da informação (e.g., diagnóstico, legislação, apoios), a escassez de serviços de apoio na comunidade e as dificuldades de ordem profissional e financeira. Estas últimas são realçadas pelos custos das próprias terapias, medicamentos e produtos de apoio. A este aumento dos custos, junta-se a redução do rendimento familiar com a afetação da vida profissional (Fernandes et al., 2012; Huang, Chang, Chi, & Lai, 2014; Pereira & Kohlsdorf, 2014; Santos & Pereira-Martins, 2016).

Perante o exposto, não é de estranhar que a investigação saliente níveis elevados de *stress* em pais com filhos/as com deficiência (Cramm & Nieboer, 2011), frequentemente acompanhados de problemas de saúde mental maternos e paternos (Hung, Wu, Chiang, Wu, & Yeh, 2010). Na sociedade moderna, o *stress* é considerado como um dos problemas de saúde mais relevantes, não só pelo seu impacto na qualidade de vida, mas também pela sua

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

abrangência, podendo exacerbar a vulnerabilidade às doenças e fragilizar a capacidade de resolução de problemas (Almeida & Sampaio, 2007).

De acordo com o Modelo de Stress Familiar (Conger & Donnellan, 2007), a adversidade económica, que caracteriza muitas das famílias com filhos/as com deficiência (Huang et al., 2014; Pereira & Kohlsdorf, 2014), potencia o *stress* na família, conduzindo a práticas parentais e a interações na família menos ajustadas (e.g., demonstração de afeto diminuída, baixo suporte emocional). Evidências suportam esta perspetiva teórica. Recentemente, Ettekal, Eiden, Nickerson, Molnar, & Schuetze (2019), com base numa amostra de 216 famílias, constataram que a adversidade socioeconómica estava associada a menor sensibilidade materna, o que, por sua vez, explicava problemas de comportamento na criança. A estes resultados, junta-se a investigação que salienta que, no que respeita ao exercício da parentalidade, pais que experienciam níveis mais elevados de *stress* tendem a ser menos responsivos, mais autoritários e negligentes (Woodman et al., 2015). Estes cuidadores usam a disciplina de forma mais inconsistente, apresentando expectativas irrealistas em relação à criança (Crawford & Manasis, 2011), com implicações para o desenvolvimento social, emocional e comportamental da criança (Woodman et al., 2015).

A investigação não é vasta no que respeita ao *stress* e parentalidade sensível nas famílias com filhos/as com deficiência. A literatura existente, porém, salienta que o *stress* parental é um fator relevante, que afeta o exercício da parentalidade e que conseqüentemente tem impacto no desenvolvimento dos filhos (Wang & Jong, 2004). Importa referir os resultados do estudo de Song, Chung e Choi (2015), conduzido com uma amostra de 82 mães com filhos com deficiência. Estes autores constataram que mães com níveis mais elevados de *stress* apresentavam maior negação face à condição da criança, bem como recorriam a práticas parentais mais coercivas, exibindo uma parentalidade menos sensível. Na mesma linha, Barfoot et al. (2017) observaram que pais que reportavam maior ansiedade e *stress* tendiam a ser mais hostis com os/as filhos/as. Estes/as, por sua vez, eram tendencialmente menos responsivos na interação. O *stress* surgiu associado a fatores individuais e a fatores ambientais, realçando-se o rendimento familiar e a (in)existência de apoios institucionais (Song et al., 2015). Smith, Oliver e Innocenti (2001) verificaram no seu estudo com 880 famílias com filhos/as com deficiência que fatores como o rendimento familiar, o tempo

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

passado com os filhos e o suporte social eram preditores mais fortes de níveis mais elevados de *stress* do que aspetos associados às características da patologia. Os encargos financeiros e as preocupações económicas emergiram igualmente no estudo de Ramanandi e Rao (2015), para além das demandas dos cuidados diários, como os problemas de alimentação, do sono e do comportamento. Wang e Jong (2004) verificaram que o *stress* parental em situações de deficiência não está associado a fatores sociodemográficos como a idade dos pais e o nível de educação.

Apesar dos estudos existentes terem sido exclusivamente conduzidos com mães com filhos com desenvolvimento típico, a investigação sugere que o *stress* na família, que advém da pressão económica, pode ainda associar-se a crenças menos ajustadas acerca da parentalidade (e.g., Respler-Herman, Mowder, Yasik, & Shamah, 2012). Quanto a este assunto, Mesman et al. (2016) vieram sugerir que pais que evidenciam níveis mais elevados de *stress* devido a pressão económica podem deter crenças sobre a parentalidade mais afastadas do constructo de sensibilidade, ao estarem mais preocupados com as necessidades instrumentais do dia-a-dia, do que com as necessidades emocionais da criança. Esta visão pode levar ao exercício da parentalidade unicamente assente na função de controlo do comportamento da criança. Importa, assim, lembrar os resultados do estudo de Emmen et al. (2012), anteriormente apresentados. Estes autores documentaram relações significativas entre a adversidade económica na família e crenças maternas acerca da *mãe ideal* menos condizentes com o constructo de parentalidade sensível. Mais precisamente, observaram que as difíceis condições socioeconómicas da família mediavam a relação entre a pertença a uma minoria étnica e as crenças maternas menos ajustadas acerca da sensibilidade.

Não obstante o exposto, permanece por explorar, no contexto da criança com deficiência, se crenças menos ajustadas acerca da parentalidade sensível se associam à adversidade socioeconómica na família e a níveis mais elevados de *stress* materno. Tal como referido anteriormente, a descoberta do diagnóstico de um/a filho/a com deficiência é um momento crítico para a família, implicando tensão económica adicional (Huang et al., 2014), que ocorre em simultâneo com alterações na dinâmica de funcionamento da família, incluindo na relação com outros contextos (e.g., escola) (Dellve et al., 2005; Gerstein, Crnic, Blacher, & Baker, 2009), o que pode contribuir para níveis mais elevados de *stress*. O presente estudo

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

procura dar resposta a esta lacuna na literatura, explorando as relações entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível e o *stress* materno quotidiano, e as características socioeconómicas na família.

### Capítulo II. Problema, Objetivos e Hipóteses de Investigação

A investigação existente aponta para a convergência entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e a conceção teórica da parentalidade sensível segundo a Teoria da Vinculação, no contexto da criança com desenvolvimento típico (Mesman et al., 2016). Nada se sabe, porém, acerca das crenças maternas acerca da sensibilidade em mães com filhos/as com deficiência ou incapacidade. A ausência de investigação sobre este tópico é preocupante, ao considerar-se que diferenças nas crenças parentais podem refletir-se nos estilos e nos comportamentos parentais, com potencial influência no desenvolvimento da criança (Sroufe, 2005). A produção deste conhecimento com mães com filhos com deficiência pode vir a contribuir para o desenho de intervenções no âmbito da parentalidade, mais ajustadas à realidade em causa.

Em Portugal, segundo dados extraídos do Censur 2011 (Instituto Nacional de Estatística, 2012), cerca de 40% dos indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos, tinham pelo menos um problema de saúde ou doença prolongados e 17,4% tinham pelo menos uma dificuldade na realização de atividades básicas. A esta percentagem significativa, acresce que em 2015 existiam mais de 87 mil beneficiários da Bonificação do Abono de Família para Crianças e Jovens com Deficiência, mais 3,7% do que em 2010 e mais 49% do que em 2005. Estes dados evidenciam a representatividade que a população com deficiência tem no contexto atual do nosso país (Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério do Trabalho e Segurança Social, 2016).

Globalmente, o presente estudo pretende contribuir para a literatura, focando-se nas crenças maternas acerca da parentalidade sensível no contexto da criança com deficiência, explorando as suas relações com o *stress* e as características socioeconómicas destas famílias. De uma forma específica, este estudo visa: (1) descrever as crenças acerca da parentalidade sensível de mães com filhos/as com deficiência; (2) examinar as relações entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível e as características socioeconómicas das famílias; e (3) analisar as relações entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível e o *stress* materno percebido.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

No que concerne às hipóteses do estudo, espera-se:

(1) *Uma fraca convergência entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível e o constructo de sensibilidade segundo a Teoria da Vinculação.* De acordo com a literatura, estas famílias tendem a estar mais frequentemente focadas nas necessidades instrumentais do que nas necessidades emocionais da criança (Blacher et al., 2013), evidenciando interações pais-criança caracterizadas por menor sensibilidade materna (Sayre et al., 2001; Welch et al., 2000). Tais dificuldades na parentalidade parecem ser reforçadas pelas dificuldades acrescidas por parte da criança na sinalização das suas necessidades (Baltor et al., 2014; Barfoot et al., 2015).

(2) *Que crenças maternas menos ajustadas acerca da parentalidade sensível estejam associadas a adversidade socioeconómica na família.* A investigação demonstra que crenças maternas menos ajustadas acerca da *mãe ideal* estão associadas a adversidade socioeconómica, incluindo baixa escolaridade materna e rendimento (Emmen et al., 2012; Mesman et al., 2016). No contexto da criança com deficiência, tais relações podem ganhar particular relevo, considerando a pressão económica e as dificuldades laborais vivenciadas por estas famílias (Huang et al., 2014). Assim, a adversidade socioeconómica, ao reforçar o foco parental nas necessidades instrumentais da criança, pode estar relacionada com crenças maternas menos ajustadas.

(3) *Que crenças maternas menos ajustadas acerca da parentalidade sensível estejam associadas a níveis mais elevados de stress materno quotidiano percebido.* As famílias com filhos/as com deficiência tendem a evidenciar níveis mais elevados de *stress* (Cramm & Nieboer, 2011; Vonneilich et al., 2016), o que, por sua vez, parece estar associado a perturbações na parentalidade (Almeida & Sampaio, 2007). Os desafios, incluindo socioeconómicos, vivenciados por estas famílias podem contribuir para níveis mais elevados de *stress* e para uma menor valorização da sensibilidade materna como uma importante componente da prestação de cuidados ao/à filho/a.

## Capítulo III. Método

Apresenta-se, de seguida, o método que orientou o presente estudo, incluindo os participantes, os instrumentos de recolha de dados e o procedimento. A estratégia analítica é igualmente delineada.

### Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por 40 mães com idades compreendidas entre os 25 e os 46 anos ( $M = 36.63$ ;  $DP = 5.25$ ) (ver Tabela 1). Trinta e seis (90%) mães tinham um filho com Paralisia Cerebral, enquanto que as restantes ( $n = 4$ , 10%) tinham filhos com outra patologia, designadamente Síndrome Alfa-Talassemia, Doenças Congénitas da Glicosilação, Polimicrogiria Bilateral e Síndrome de Prader-Willi. Estas problemáticas, de origem genética, envolvem comprometimento motor e/ou intelectual. De acordo com Stanley, Blair e Alberman (2000) a Paralisia Cerebral é uma condição neurodesenvolvimental, sendo a incapacidade física mais comum na infância. Trata-se de uma patologia causada por uma lesão neurológica, não progressiva, que pode ocorrer ainda na fase de gestação e que provoca uma interrupção do desenvolvimento motor normal que pode originar limitações da atividade e/ou problemas neuroesqueléticos. É ainda frequente que associados à Paralisia Cerebral surjam distúrbios sensoriais, de perceção, de cognição, de comunicação e de comportamento, para além da deficiência física (Whittingham, Wee, Sanders, & Boyd, 2013).

A idade dos filhos com deficiência variava entre os 9 e os 84 meses ( $M = 43.40$ ;  $DP = 20.43$ ), sendo 26 do sexo masculino (65%) e 14 do sexo feminino (35%). A maioria das mães ( $n = 23$ , 57.5%) tinha o ensino universitário. Cinco (12.5%) mães estavam desempregadas. As mães tinham entre 1 e 4 filhos ( $M = 1.98$ ;  $DP = .92$ ) e os agregados familiares eram constituídos por 2 a 7 elementos ( $M = 3.9$ ;  $DP = 1.19$ ). As famílias residiam nos distritos de Lisboa e Setúbal.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

Tabela 1.

*Caracterização Sociodemográfica da Amostra*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
Idade da mãe (anos)	36.63	5.24	25	46
Idade da criança (meses)	43.4	20.43	9	84
	<i>N</i>	<b>%</b>		
Sexo da criança, <i>masculino</i>	26	65		
Situação profissional da mãe				
<i>Empregada/Doméstica/Estudante</i>	35	87.5		
<i>Desempregada</i>	5	12.5		
Educação materna				
<i>Até 9 anos de escolaridade</i>	6	15		
<i>12 anos de escolaridade</i>	11	27.5		
<i>Ensino universitário</i>	23	57.5		
Rendimento mensal do agregado				
<i>Nenhum</i>	0	0		
<i>Menos de 580€</i>	10	25		
<i>Entre 580€ e 1.160€</i>	11	27.5		
<i>Entre 1.161€ e 1.740€</i>	7	17.5		
<i>Entre 1.741€ e 2.320€</i>	4	10		
<i>Entre 2.321€ e 2.900€</i>	4	10		
<i>Mais de 2.900€</i>	4	10		
Más condições habitacionais, <i>sim</i>	7	17.5		
Sobrelotação, <i>sim</i>	7	17.5		
Mudanças frequentes de habitação, <i>sim</i>	3	7.5		

### Instrumentos

*Crenças maternas acerca da parentalidade sensível.* Neste estudo, foi utilizada a versão adaptada (Emmen et al., 2012; Mesman et al., 2016) do *Maternal Behaviour Q-Sort*

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

(MBQS; Pederson & Moran, 1995; Pederson et al., 1999), com vista a avaliar as crenças maternas acerca dos comportamentos parentais sensíveis. Baseado na metodologia Q-Sort, a versão adaptada do MBQS é preenchida pela mãe através da distribuição de 90 itens, nos quais são descritas situações do dia-a-dia que envolvem comportamentos parentais (e.g., Item 22, “*Parece não perceber quando o(a) seu(sua) filho(a) pede atenção.*”; Item 68, “*Adapta o seu ritmo e comportamento ao que o(a) seu(sua) filho(a) quer quando brincam juntos(as).*”). É solicitado à mãe que classifique cada um dos itens de acordo com o que considera ser a *mãe ideal* (e não os seus próprios comportamentos), distribuindo-os por 9 níveis distintos, que variam entre (1) *não caracteriza mesmo nada a mãe ideal* e (9) *caracteriza muito bem a mãe ideal*. Os itens considerados como menos característicos da *mãe ideal* são colocados nos níveis menos elevados (1 a 3). Os itens que não são nem característicos nem incaracterísticos, de acordo com a perspetiva da mãe, são colocados nos níveis intermédios (4 a 6). Os itens considerados como mais característicos da *mãe ideal* são colocados nos níveis mais elevados (7 a 9).

***Stress quotidiano materno.*** Para a avaliação do stress diário materno, foi solicitado à mãe o preenchimento do *Questionário de Fatores de Stress Quotidiano* (Kanner, Coyne, Schaefer, & Lazarus, 1981; versão Portuguesa de Negrão, Pereira, & Soares, 2010). Este questionário é composto por 45 itens, respondidos com recurso a uma escala tipo Likert que varia entre (0) *nenhum incómodo* a (4) *muito incómodo*. Para cada item, é solicitado às mães que avaliem o grau de incómodo gerado por situações do quotidiano, algumas das quais implicam o exercício da parentalidade (e.g., Item 1, “*Ter de arrumar sempre o que a criança desarruma.*”). O alfa de Cronbach obtido no presente estudo revelou-se adequado (i.e.,  $\alpha = .93$ ).

***Informação sociodemográfica.*** No âmbito do presente estudo, foi construído um questionário, visando a obtenção de informações como a idade da mãe e a idade e sexo da criança, bem como dados acerca das condições socioeconómicas da família, designadamente a situação laboral atual da mãe e as suas habilitações literárias, o rendimento mensal da família e a adversidade nas condições de habitação do agregado familiar.

Relativamente à situação laboral e escolaridade das mães, procedeu-se à dicotomização das variáveis em 0 (*empregada*) ou 1 (*desempregada*), e 0 (*até 12 anos de*

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

*escolaridade*) ou 1 (*ensino universitário*), respetivamente. Quanto ao rendimento mensal do agregado, foram criadas 7 categorias, nomeadamente (1) *Nenhum*, (2) *Menos de 580€*, (3) *Entre 580€ e 1.160€*, (4) *Entre 1.161€ e 1.740€*, (5) *Entre 1.741€ e 2.320€*, (6) *Entre 2.321€ e 2.900€* e (7) *Mais de 2.900€*. A adversidade nas condições de habitação do agregado familiar é composta por três fatores, que foram codificados consoante a sua ausência ou presença (0 – *ausente*, 1 – *presente*), nomeadamente (1) *más condições habitacionais*; (2) *sobrelotação*; e (3) *mudanças frequentes de habitação*. Foi construído um compósito de adversidade nas condições de habitação que resultou do somatório dos fatores atrás mencionados.

### **Procedimento**

O presente estudo foi inicialmente apresentado e aprovado pela Direção do Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral Calouste Gulbenkian. A recolha de dados decorreu neste centro, que intervém numa perspetiva integrada e comunitária de inserção social da pessoa com deficiência, em sala própria que garantia as questões da confidencialidade. Para cada participante, foi realizada uma sessão para a aplicação do protocolo de avaliação, com a duração aproximada de 75 minutos. Os objetivos e procedimentos do estudo foram previamente apresentados a cada uma das mães e os consentimentos informados foram obtidos, autorizando a sua própria participação no estudo. Os seguintes critérios de inclusão foram estabelecidos: (1) saber ler e escrever, e (2) ter pelo menos um filho com deficiência até aos 7 anos de idade.

### **Estratégia Analítica**

No que concerne à análise dos resultados do presente estudo, foram primeiramente examinadas as estatísticas descritivas das variáveis em causa, tendo-se identificado os comportamentos avaliados pelos participantes como mais e menos característicos da *mãe ideal*. De seguida, foram efetuadas análises de associação, visando explorar as relações entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível, o *stress* materno quotidiano percebido e as características socioeconómicas da família. Tendo-se verificado que os pressupostos relativos à normalidade das distribuições estavam cumpridos, recorreu-se a testes de associação paramétricos.

**Capítulo IV. Resultados**

Na Tabela 2, são apresentadas as estatísticas descritivas relativas às crenças maternas acerca da parentalidade sensível e ao *stress* quotidiano materno.

No que respeita às crenças maternas acerca da parentalidade sensível, os valores variaram entre .40 e .80. O valor médio situou-se em .65 ( $DP = .09$ ), o que indica uma forte convergência entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e o constructo teórico de sensibilidade materna segundo a Teoria da Vinculação. Relativamente ao *stress* materno percebido, observaram-se valores que se situaram entre 12 e 122 ( $M = 57.78$ ;  $DP = 27.91$ ), indicando elevada heterogeneidade.

Tabela 2.

*Estatísticas Descritivas: Crenças Acerca da Parentalidade Sensível e Stress Materno*

	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mínimo	Máximo
Crenças maternas acerca da <i>mãe ideal</i>	.65	.09	.40	.80
<i>Stress</i> quotidiano materno percebido	57.78	27.91	12	122

A Tabela 3 apresenta os itens que foram avaliados pelos participantes como mais e menos característicos da *mãe ideal*.

Entre os itens que foram mais vezes associados ao comportamento da *mãe ideal*, observamos aqueles que traduzem comportamentos que evidenciam a importância atribuída à demonstração de afeto e contacto físico (e.g., Item 76, “*Aconchega o(a) seu(sua) filho(a) junto a si para confortá-lo(a).*”, ao reconhecimento de necessidades (e.g., Item 69, “*Apercebe-se quando o(a) seu(sua) filho(a) está angustiado(a)/ansioso(a) (por exemplo: chora, faz birra ou choraminga).*”, e ainda à estimulação de competências (e.g., Item 39, “*Tenta ensinar o(a) seu(sua) filho(a) mesmo durante uma brincadeira.*”.

Quanto aos itens menos frequentemente atribuídos pelos participantes à *mãe ideal*, verificou-se que aqueles evidenciam comportamentos de mães com elevado grau de agressividade na interação com os/as filhos/as (e.g., Item 90, “*É negativa e cruel com o(a) seu(sua) filho(a).*”), em que se verifica existir uma ausência de laços emocionais/afetivos (e.g., Item 83, “*Mantém-se indiferente quando está a fazer coisas com o(a) seu(sua)*

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

*filho(a). ”), e ainda uma incapacidade em reconhecer as necessidades dos filhos (e.g., Item 67, “Responde, apenas, quando o(a) seu(sua) filho(a) mostra angústia prolongada ou intensa.”).*

Tabela 3.

*Itens Mais e Menos Característicos da Mãe Ideal*

<b>10 itens mais característicos da mãe ideal</b>	<b>Média</b>
1. Procura contacto com o seu(sua) filho(a).	7.93
2. Brinca com o(a) seu(sua) filho(a).	7.88
3. Incentiva o(a) seu(sua) filho(a) a experimentar coisas novas.	7.83
4. Demonstra afeto pelo(a) seu(sua) filho(a), dando-lhe carícias e aconchego.	7.83
5. Intervém quando o(a) seu(sua) filho(a) faz algo perigoso.	7.70
6. Aconchega o(a) seu(sua) filho(a) junto a si para confortá-lo(a).	7.63
7. Demonstra que gosta de fazer coisas com o(a) seu(sua) filho(a).	7.55
8. Apercebe-se quando o(a) seu(sua) filho(a) está angustiado(a)/ansioso(a) (por exemplo: chora, faz birra ou choraminga).	7.43
9. Tenta ensinar o(a) seu(sua) filho(a) mesmo durante uma brincadeira.	7.40
10. Fala devagar e repete as palavras quando fala com o(a) filho(a).	7.20
<b>10 itens menos característicos da mãe ideal</b>	<b>Média</b>
1. É negativa e cruel com o(a) seu(sua) filho(a).	1.08
2. Trata o(a) seu(sua) filho(a) como um objeto quando o(a) segura nos braços.	1.20
3. Nunca responde ao(à) seu(sua) filho(a).	1.28
4. Responde, apenas, quando o(a) seu(sua) filho(a) mostra angústia prolongada ou intensa.	1.98
5. Não reage quando o(a) filho(a) balbucia, sorri ou chama a sua atenção.	1.98
6. Irrita-se quando o(a) seu(sua) filho(a) se quer sentar no seu colo.	2.05
7. Mantém-se indiferente quando está a fazer coisas com o(a) seu(sua) filho(a).	2.10
8. Frequentemente repreende ou critica o(a) seu(sua) filho(a).	2.10
9. Quando está irritada com o(a) seu(sua) filho(a), deixa de fazer coisas com ele(ela).	2.20
10. Dá ao(à) filho(a) poucas oportunidades de brincar ou de responder.	2.20

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

### *Associações entre as variáveis do estudo*

De seguida, foram exploradas as associações entre as crenças acerca da parentalidade sensível e o *stress* quotidiano materno e as condições socioeconómicas na família.

### *Crenças acerca da parentalidade sensível e condições socioeconómicas*

De acordo com a Tabela 4, observou-se uma associação significativa e negativa entre a escolaridade materna e as crenças acerca da parentalidade sensível,  $r_{pb} = -.36, p = .023$ . Assim, mães com menos habilitações literárias evidenciaram crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível. Adicionalmente, constatou-se que um menor rendimento mensal familiar estava marginalmente associado a crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível,  $r_s = .30, p = .064$ .

Tabela 4.

*Associações entre Crenças Maternas Acerca da Parentalidade Sensível, Stress Quotidiano Materno e as Condições Socioeconómicas na Família*

	<b>Crenças Maternas</b>	<b>Stress Materno</b>
Idade da mãe	.26	-.25
Idade do filho com deficiência	.05	-.19
Sexo do filho com deficiência <sup>a</sup>	.15	-.07
<b>Condições socioeconómicas na família</b>		
<i>Desemprego materno</i> <sup>a</sup>	-.15	-.15
<i>Escolaridade materna</i> <sup>a</sup>	-.36*	.17
<i>Adversidade nas condições de habitação</i>	-.27	.21
<i>Rendimento mensal do agregado familiar</i> <sup>b</sup>	.30 <sup>+</sup>	-.39*
Crenças maternas acerca da <i>mãe ideal</i>	---	-.43**

**Nota.** <sup>a</sup> Coeficiente de Correlação Ponto-Bisserial; <sup>b</sup> Coeficiente de Correlação de Spearman; restantes análises, Coeficiente de Correlação de Pearson.

+  $p < .10$ , \*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

### *Stress quotidiano materno e condições socioeconómicas*

Para além dos resultados acima expostos, o rendimento mensal do agregado familiar revelou estar significativa e negativamente associado ao *stress* materno,  $r_s = -.39, p = .012$ , sendo que mães expostas a um menor rendimento familiar reportaram níveis mais acentuados de *stress* quotidiano. Não foram identificadas outras associações estatisticamente significativas.

### *Crenças acerca da parentalidade sensível e stress quotidiano materno*

Por fim, foram testadas as associações entre as crenças acerca da parentalidade sensível e o *stress* quotidiano materno. De acordo com a Tabela 4, foi identificada uma associação significativa e negativa entre o *stress* materno e as crenças acerca da parentalidade sensível,  $r = -.43, p = .005$ . Mais precisamente, crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível surgiram associadas a níveis mais acentuados de *stress* quotidiano materno.

### Capítulo V. Discussão

O presente estudo teve como objetivo descrever as crenças maternas acerca da parentalidade sensível de mães com filhos/as com deficiência, bem como explorar as suas relações com as características socioeconômicas da família. Considerando o *stress* como um fator predominante na vida moderna, chegando a ser classificado por alguns autores como a doença social do século XX (Almeida & Sampaio, 2007), e o impacto que este elemento tem nos dias de hoje ao nível do exercício da parentalidade e das dinâmicas familiares, este estudo procurou ainda analisar as relações entre as crenças maternas acerca da parentalidade sensível e o nível de *stress* materno percebido.

Os resultados revelaram uma forte convergência entre as crenças maternas acerca da *mãe ideal* e a conceção teórica de sensibilidade parental segundo a Teoria da Vinculação, estando em acordo com o observado em famílias com filhos com desenvolvimento típico. A este respeito, importa relembrar o estudo de Mesman e colaboradores (2016) realizado com mães pertencentes a 26 grupos culturais de todo o mundo. Os autores constataram que as ideias acerca da *mãe ideal* se sobrepunham substancialmente à noção da mãe altamente sensível, apontando para uma apreciação universal da importância da responsividade contingente na parentalidade de crianças pequenas. Concluíram que tais evidências apontam para a existência de oportunidades importantes para intervenções parentais direcionadas a famílias com crianças pequenas em contextos multiculturais. Mesmo quando os pais são oriundos de culturas diferentes das dos profissionais dos serviços que intervêm nesta área temática, é provável que concordem com a importância da parentalidade sensível para o bem-estar e desenvolvimento da criança, o que pode abrir pistas valiosas para a definição de objetivos de intervenção conjuntos.

Neste estudo, procedeu-se à identificação dos itens do MBQS selecionados como mais e menos característicos da *mãe ideal*. Os resultados apontam para a existência de similitudes entre o presente estudo e a investigação prévia, no que concerne aos itens da versão adaptada do MBQS indicados pelas mães como mais característicos da *mãe ideal*. Em concordância, Mesman e colaboradores (2016) verificaram que os itens mais frequentemente associados ao comportamento da *mãe ideal* traduziam ações de proximidade/interação, e demonstração de

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

afeto positivo e responsividade. Importa realçar que, na presente investigação, aos comportamentos atrás mencionados, foram adicionados pelas mães itens relacionados com preocupações ao nível do desenvolvimento e estimulação de competências, o que não foi observado em famílias com filhos/as com desenvolvimento típico. Tal resultado poderá espelhar a preocupação das mães que participaram neste estudo com a patologia dos filhos e as consequências daí emergentes ao nível do desenvolvimento emocional, intelectual e motor da criança.

Quanto aos itens da versão adaptada do MBQS indicados pelas mães como menos característicos da *mãe ideal*, salienta-se a ausência de responsividade, a existência de afeto negativo e a ausência de ligação emocional. Estes comportamentos foram igualmente realçados no estudo de Mesman e colaboradores (2016) com famílias com crianças com desenvolvimento típico. O conjunto destes resultados parece indicar que as ideias acerca da *mãe ideal* não divergem entre contextos parentais com e sem crianças com deficiência.

Relativamente às relações entre os fatores socioeconómicos e as crenças maternas acerca da parentalidade sensível, verificou-se que um menor rendimento mensal familiar estava marginalmente associado a crenças maternas acerca da *mãe ideal* como menos sensível. Esta tendência vai ao encontro das conclusões de outros estudos. A este respeito, Mesman e colegas (2016) verificaram que, relativamente a famílias com filhos/as com desenvolvimento típico, o baixo rendimento familiar estava associado a atitudes parentais menos favoráveis e menor sensibilidade. Neste estudo, constatou-se ainda que mães com menos habilitações literárias evidenciavam crenças acerca da *mãe ideal* como menos sensível, o que vai igualmente de encontro às conclusões de estudos prévios (Emmen et al., 2012; Mesman et al., 2016). Estes resultados podem ser explicados pela necessidade dos pais, que vivenciam uma situação de maior adversidade socioeconómica, em focar-se em questões de sobrevivência, não valorizando visões acerca da parentalidade que remetem para o investimento emocional e tempo de dedicação aos filhos, componentes que caracterizam o conceito de sensibilidade parental (Ainsworth et al., 1978). Tal fenómeno parece, assim, não ser exclusivo de famílias com filhos/as com deficiência.

Na presente investigação, não foram observadas associações significativas entre a idade materna e a dimensão do agregado e as crenças maternas acerca da parentalidade

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

sensível. Estes resultados não corroboram achados prévios (Mesman et al., 2016). Tal discrepância poderá remeter para a importância que outros fatores ambientais exercem na parentalidade no contexto da criança com deficiência, como o rendimento mensal do agregado ou a escolaridade materna. Podem ainda advir de diferenças entre os estudos, no que concerne às características da amostra. Por exemplo, no estudo de Mesman e colegas (2016) observou-se uma maior variação relativamente à idade das mães (entre os 14 e os 48 anos), comparativamente com a presente investigação.

No que respeita ao *stress* materno percebido, alvo de análise neste estudo, foi possível observar que mães expostas a menor rendimento familiar reportaram níveis mais acentuados de *stress* quotidiano. Estes resultados vão ao encontro do esperado. De acordo com o Modelo de Stress Familiar (Conger & Donnellan, 2007), dificuldades económicas acrescidas podem levar à existência de pressão familiar que é geradora de maior *stress*. Segundo os autores, em situações de pressão económica elevada, as figuras parentais enfrentam riscos elevados de evidenciarem dificuldades emocionais (e.g., depressão, ansiedade), que podem impactar o bem-estar e funcionamento comportamental e social da criança. A acrescentar a esta perspetiva, salienta-se o estudo de Glenn, Cunningham, Poole, Reeves e Weindling (2008), que realça que as características individuais de cada família, nomeadamente a forma como lida com a patologia e o controlo percebido, juntamente com o suporte e coesão familiares, estão associadas a variação dos níveis de *stress* vivenciados pela parentalidade no contexto da criança com deficiência, nomeadamente na Paralisia Cerebral.

Finalmente, observou-se que níveis mais acentuados de *stress* quotidiano estavam associados, neste estudo, a crenças maternas acerca da *mãe ideal* como menos sensível. Entendendo que o *stress* surge em situações extremas de exigência emocional e de desgaste físico, e muitas vezes em indivíduos que experienciam ansiedade, angústia, medo e mal-estar (Barbosa & Oliveira, 2008), é de esperar que o *stress* materno esteja relacionado com perturbações na parentalidade no contexto da criança com deficiência. Na verdade, a investigação tem vindo, de forma consistente, a apontar para níveis elevados de *stress* em famílias com filhos/as com deficiência (e.g., Woodman, Mawdsley, & Hauser-Cram, 2015). Aqueles, por sua vez, relacionam-se com comportamentos parentais menos sensíveis (e.g., Woodman et al., 2015).

### **Limitações e sugestões para investigação futura**

Apesar da sua inovação, a presente investigação apresenta limitações que devem ser mencionadas. Quanto à amostra, o recurso a uma amostragem de conveniência e de reduzida dimensão diminuem o poder de generalização dos resultados obtidos (Santos, 2005). É, assim, desejável que estudos futuros sobre a temática reúnam amostras de maior dimensão e diversidade geográfica. Por exemplo, e de acordo com a revisão da literatura efetuada, a residência em meio rural versus meio urbano (Mesman et al., 2016) pode influenciar as crenças maternas acerca da parentalidade sensível. A este respeito, salienta-se a reduzida heterogeneidade observada neste estudo, em que 92% dos agregados residiam no distrito de Lisboa. A esta proposta, junta-se a possibilidade de estudos futuros considerarem outros fatores culturais (e.g., religião, etnia) relevantes para as crenças maternas acerca da *mãe ideal* (Mesman et al., 2016), algo a explorar em famílias com filhos/as com deficiência.

O estudo contemplou mães com filhos/as até aos 7 anos de idade, não tendo tido como foco famílias com crianças com deficiência noutras faixas etárias. A definição deste critério de inclusão nesta investigação prendeu-se com o facto de o MBQS ter sido originalmente adaptado para mães com filhos/as com crianças até aos 7 anos de idade, considerando o constructo de sensibilidade e os comportamentos que são esperados nestas idades. Ao ser lacunar, a abrangência deste tópico de estudo a outras idades reveste-se de considerável importância, exigindo, para o efeito, instrumentos de avaliação adequados.

Adicionalmente, salienta-se o facto de a amostra ser maioritariamente constituída por mães com filhos/as com Paralisia Cerebral, mas não de forma exclusiva. Sugere-se que, no futuro, este tópico seja explorado recorrendo a uma estratégia de comparação entre diferentes perturbações do desenvolvimento, de forma a melhor considerar as especificidades de cada uma. Embora alguma investigação indique que a severidade da perturbação não seja percebida como fator de *stress* pela família (e.g., Glenn et al., 2008; Skok, Harvey, & Reddihough, 2006), outros autores reforçam que as características da patologia e grau de autonomia contribuem para os níveis de *stress* parental (e.g., Cramm & Nieboer, 2011; Smith et al., 2001). Desta forma, revela-se fundamental realizar estudos mais aprofundados e comparativos com pais com filhos/as com vários tipos de deficiência e severidade, que pudessem informar a

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

investigação e teoria acerca das concepções de parentalidade sensível e suas relações com o *stress* parental.

Por fim, importa salientar a distinção entre as crenças e os comportamentos parentais. Este estudo esteve exclusivamente debruçado sobre as crenças, sendo fundamental investigação futura sobre a convergência entre as mesmas e as práticas parentais no contexto da criança com deficiência.

### **Contributos para a prática**

Apesar das limitações acima mencionadas, este estudo prima pelo seu carácter inovador, na medida em que se constitui como uma primeira investigação sobre a temática das crenças maternas acerca da parentalidade sensível em mães com filhos/as com deficiência. Abordou ainda as relações existentes entre aquelas crenças e características socioeconómicas e *stress* materno. Espera-se que os resultados desta investigação venham a informar estudos futuros e intervenções na parentalidade que contemplem a realidade destas famílias.

Em concordância, Glenn e colegas (2008) afirmam que é fundamental que os serviços adotem abordagens centradas na família como um todo, não estando exclusivamente centrados na deficiência dos/as filhos/as. Desta forma, os profissionais de saúde, mais do que focar-se na criança com deficiência, devem focar-se nos pais, nas suas crenças e necessidades (Ketelaar, Volman, Gorter, & Vermeer, 2008; Vonneilich et al., 2016), em particular nas famílias expostas a adversidade socioeconómica. Para complementar esta ideia, e numa lógica de desenho de intervenções individualizadas e informadas, os contributos de Almeida e Sampaio (2007) confirmam a existência de relação entre suporte social e *stress*. Reforça-se, assim, a importância da implementação de intervenções de âmbito comunitário, que visem o aumento ou fortalecimento das redes de apoio, orientadas para as famílias com filhos/as com deficiência, com vista à diminuição do *stress* quotidiano e promoção da qualidade das interações pais-criança.

**Referências Bibliográficas**

- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Oxford, England: Lawrence Erlbaum.
- Almeida, T., & Sampaio, F. (2007). Stress e suporte social em familiares de pessoas com paralisia cerebral. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 8(1), 145-151.
- Bailey, H., Moran, G., Pederson, D., & Bento, S. (2007). Understanding the transmission of attachment using variable-and relationship-centered approaches. *Development and Psychopathology*, 19(2), 313-343. doi:10.1017/S0954579407070162.
- Baltor, M., Borges A., & Dupas, G. (2014). Interaction with children with cerebral palsy: Communication and stigma. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 18(1), 47-53. doi: 10.5935/1414-8145.20140007.
- Barbosa, A., & Oliveira, L. (2008). Estresse e enfrentamento em pais de pessoas com necessidades especiais. *Psicologia em Pesquisa*, 2(02), 36-50.
- Barfoot, J., Meredith, P., Ziviani, J., & Whittingham, K. (2015). Relationship-focused parenting intervention to support developmental outcomes for a young child with cerebral palsy: A practice application. *British Journal of Occupational Therapy*, 78(10), 640-643.
- Barfoot, J., Meredith, P., Ziviani, J., & Whittingham, K. (2017). Parent-child interactions and children with cerebral palsy: An exploratory study investigating emotional availability, functional ability, and parent distress. *Child Care, Health and Development*, 43(16), 812-822. doi: 10.1111/cch.12493.
- Belsky, J., & Fearon, R. M. (2002). Early attachment security, subsequent maternal sensitivity, and later child development: does continuity in development depend upon continuity of caregiving? *Attachment & Human Development*, 4(3), 361-387.
- Blacher, J., Baker, B., & Kaladjian, A. (2013). Syndrome specificity and mother-child interactions: Examining positive and negative parenting across contexts and time. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 43(4), 761-774.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Attachment*. London: Basic Books (edição revista, 1982).
- Bretherton, I. (2013). Revisiting Mary Ainsworth's conceptualization and assessments of maternal sensitivity-insensitivity. *Attachment & Human Development*, 15(5-6), 460-484. doi: 10.1080/14616734.2013.835128.
- Conde, A., & Figueiredo, B. (2007). Preocupações de mães e pais, na gravidez, parto e pós-parto. *Análise Psicológica*, 25(3), 381-398.
- Conger, D. R., & Donnellan, M. B. (2007). An interactionist perspective on the socioeconomic context of human development. *Annual Review of Psychology*, 58, 175-199. doi 10.1146/annurev.psych.58.110405.085551.
- Cramm, J. M., & Nieboer, A. P. (2011). Psychological well-being of caregivers of children with intellectual disabilities: Using parental stress as a mediating factor. *Journal of Intellectual Disabilities*, 15(2), 101-113. doi: 10.1177/1744629511410922.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

- Crawford, A., & Manassis, K. (2011). Anxiety, social skills, friendship quality, and peer victimization: An integrated model. *Journal of Anxiety Disorders*, 25, 924-931.
- De Wolff, M. S., & Van IJzendoorn, M. H. (1997). Sensitivity and attachment: a meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. *Child Development*, 68(4), 571-591.
- Deans, C. (2018). Maternal sensitivity, its relationship with child outcomes, and interventions that address it: A systematic literature review. *Early Child Development and Care*. doi: 10.1080/03004430.2018.1465415.
- Dellve, L., Samuelsson, L., Tallborn, A., Fasth, A., & Hallberg, L. (2005). Stress and well-being among parents of children with rare diseases: a prospective intervention study. *Journal of Advanced Nursing*, 53(4), 392-402.
- Egeland, B., & Farber, E. (1984). Infant-mother attachment: factors related to its development and changes over time. *Child Development*, 55(3), 753-771.
- Emmen, R., Malda, M., Mesman, J., Ekmekci, H. & Van IJzendoorn, M. (2012). Sensitive parenting as a cross-cultural ideal: sensitivity beliefs of Dutch, Moroccan, and Turkish mothers in the Netherland. *Attachment & Human Development*, 14(6), 601-619. doi: 10.1080/14616734.2012.727258.
- Ettekal, I., Eiden, R. D., Nickerson, A. B., Molnar, D. S., & Schuetze, P. (2019). Developmental cascades to children's conduct problems: The role of prenatal substance use, socioeconomic adversity, maternal depression and sensitivity, and children's conscience. *Development Psychopathology*, 1, 1-19. doi: 10.1017/S095457941800144X.
- Feldman, R. (2017). The Neurobiology of Human Attachments. *Trends in Cognitive Sciences*, 21(2), 80-99. doi: 10.1016/j.tics.2016.11.007.
- Fernandes, C., Vale, D., Nóbrega, E., Dias, M., & Sousa, S. (2012). Ansiedade e necessidades dos cuidadores de crianças com e sem deficiência. *Revista de Enfermagem Referência*, 3, 181-189.
- Gerstein, E. D., Crnic, K. A., Blacher, J., & Baker, B. L. (2009). Resilience and the course of daily parenting stress in families of young children with intellectual disabilities. *Journal of Intellectual Disability Research*, 53(12), 981-997. doi: 10.1111/j.1365-2788.2009.01220.x.
- Glenn, S., Cunningham, C., Poole, H., Reeves, D., & Weindling, M. (2008). Maternal parenting stress and its correlates in families with a young child with cerebral palsy. *Child: care, health and development*, 35(1), 71-78. doi: 10.1111/j.1365-2214.2008.00891.x.
- Gray, D. (2003). Gender and coping: the parents of children with high functioning autism. *Social Science & Medicine*, 56, 631-642.
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., & Waters, E. (Eds.) (2005). *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies*. New York: Guilford Publications.
- Guerra, C. S., Dias, M. D., Ferreira, M. O., Andrade, F. B., Reichert, A. P. S., & Araújo, V. S. (2015). Do sonho a realidade: vivência de mães com filhos com deficiência. *Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis*, 24(2), 459-466.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

- Huang, Y. P., Chang, M. Y., Chi, Y. L., & Lai, F. C. (2014). Health-related quality of life in fathers of children with or without developmental disability: The mediating effect of parental stress. *Quality of Life Research, 23*(1), 175-183. doi: 10.1007/s11136-013-0469-7.
- Hung, J., Wu, Y., Chiang, Y., Wu, W., & Yeh, C. (2010). Mental Health of Parents Having Children with Physical Disabilities. *Chang Gung Medical Journal, 33*(1), 82-90.
- Hussain, A., & Juyal, I. (2007). Stress Appraisal and Coping Strategies among Parents of Physically Challenged Children. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology, 33*(2), 179-182.
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Saúde e Incapacidades em Portugal 2011*. Lisboa, Portugal: Instituto Nacional de Estatística.
- James, N. (2012). The formal support experiences of family carers of people with an intellectual disability who also display challenging behavior and/or mental health issues: What do carers say? *Journal of Intellectual Disabilities, 17*(1), 6-23.
- Juffer, F., Struis, E., Werner, C., & Bakermans-Kranenburg, M. (2017). Effective preventive interventions to support parents of young children: Illustrations from the Video-feedback Intervention to promote Positive Parenting and Sensitive Discipline (VIPPSD). *Journal of Prevention & Intervention in the Community, 45*(3), 202-214. doi: 10.1080/1085235202016.1198128.
- Kanner, A., Coyne, J., Schaefer, C., Lazarus, R. (1981). Comparison of Two Modes of Stress Measurement: Daily Hassles and Uplifts Versus Major Life Events. *Journal of Behavioral Medicine, 4*(1), 1-39.
- Karmiloff-Smith, A., D'Souza, D., Van Herwegen, J., Xu, F., Rodic, M., & Ansari, D. (2012). Genetic and environmental vulnerabilities in children with neurodevelopmental disorders. *Proceedings of the National Academy of Science of the United States of America, 109*, 17261-17265. doi: 10.1073/pnas.1121087109.
- Ketelaar, M., Volman, M., Gorter, J., & Vermeer, A. (2008). Maternal parenting stress and its correlates in families with a young child with cerebral palsy. *Child: care, health and development, 34*(6), 825-829. doi: 10.1111/j.1365-2214.2008.00876.x.
- Martins, M., & Couto, A. (2014). Vivências do dia-a-dia de pais com filhos deficientes. *Revista de Enfermagem, 4*, 117-124. doi 10.12707/RIII1266.
- Mesman, J., & Emmen, R. (2013). Mary Ainsworth's legacy: a systematic review of observational instruments measuring parental sensitivity. *Attachment & Human Development, 15*(5-6), 485-506. doi 10.1080/14616734.2013.820900.
- Mesman, J., Van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2012). Unequal in opportunity, equal in process: Parental sensitivity promotes positive child development in ethnic minority families. *Child Development Perspectives, 6*(3), 239-250. doi: 10.1111/j.1750-8606.2011.00223.
- Mesman, J., Van IJzendoorn, M. H., Behrens, K., Carbonell, O., Cárcamo, R., Cohen-Paraira, I., ...Zreik, G. (2016). Is the ideal mother a sensitive mother? Beliefs about early childhood parenting in mothers across the globe. *International Journal of Behavioral Development, 40*(5), 385-397. doi: 10.1177/0165025415594030.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

- Ministério do Trabalho e Segurança Social. Gabinete de Estratégia e Planeamento. (2016). *Estatísticas sobre deficiências ou incapacidades*. Consultado em 1 Junho 2019. Disponível em <http://oddh.iscsp.ulisboa.pt/index.php/pt/2013-04-24-18-50-23/outras-publicacoes/item/281-estat%C3%ADsticas-sobre-defici%C3%AAsncias-ou-incapacidades>
- Moran, G., Pederson, D., & Pettit, P. (1992). Maternal sensitivity and infant-mother attachment in a developmentally delayed sample. *Infant Behavior and Development*, *15*(4), 427-442.
- Moss, E., Dubois-Comtois, K., Cyr, C., Tarabulsky, G., St-Laurent, D., & Bernier, A. (2011). Efficacy of a home-visiting intervention aimed at improving maternal sensitivity, child attachment, and behavioral outcomes for maltreated children: a randomized control trial. *Development Psychopathology*, *23*(1), 195-210. doi: 10.1017/S0954579410000738.
- Negrão, M., Pereira, M., & Soares, I. (2009). Validation of Daily Hassles Questionnaire (Portuguese version). Manuscrito não publicado.
- Pederson, D., & Moran, G. (1995). A categorical description of infant-mother relationships in the home and its relation to Q-Sort measures of infant-mother interaction. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *60*(2-3), 11-132.
- Pederson, D., Moran, G., & Bento, S. (1999). Maternal Behaviour Q-sort. *Psychology Publications*, *1*, 1-17. Disponível em <https://ir.lib.uwo.ca/psychologypub/1>
- Pederson, D., Moran, G., Sitko, C., Campbell, K., Guesquire, K., & Acton, H. (1990). *Maternal Sensitivity and the Security of Infant-Mother Attachment: A Q-Sort Study*. doi: 10.1111/j.1467-8624.1990.tb03579.x.
- Pereira, L. M., & Kohlsdorf, M. (2014). Ansiedade, Depressão e Qualidade de Vida de Pais no Tratamento da Paralisia Cerebral Infantil. *Interação Psicológica*, *18*, 37-46.
- Posada, G., Gao, Y., Wu, F., Posada, R., Tascon, M., Schoelmerich, A.,...Synnevaag, B. (1995). The secure-base phenomenon across cultures: Children's behavior, mother's preferences, and experts' concepts. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, *60*(2-3), 27-48. doi: 10.1111/j.1540-5834.1995.tb00202x.
- Raby, K. L., Roisman, G. I., Fraley, R. C., & Simpson, J. A. (2015). The enduring predictive significance of early maternal sensitivity: social and academic competence through age 32 years. *Child Development*, *86*(3), 695-708.
- Raikes, H. A., & Thompson, R. A. (2008). Attachment security and parenting quality predict children's problem-solving, attributions, and loneliness with peers. *Attachment & Human Development*, *10*(3), 319-344. doi: 10.1080/14616730802113620.
- Ramanandi, V., & Rao, B. (2015). Comparison of stress levels in the parents of children with cerebral palsy and parents of normal children in Vadora Region of Gujarat. *International Journal of Physiotherapist*, *2*(2), 421-428.
- Respler-Herman, M., Mowder, B., Yasik, A., & Shamah, R. (2012). Parenting Beliefs, Parental Stress, and Social Support Relationships. *Journal of Child and Family Studies*, *21*(2), 190-198.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

- Santos, M., & Pereira-Martins, M. (2016). *Estratégias de enfrentamento adotadas por pais de crianças com deficiência intelectual*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Brasil.
- Santos, N. R. (2005). *Projectos de investigação em Psicologia: Guia para a sua elaboração e execução*. NEPUE, Évora.
- Sayre, J., Pianta, R., Marvin, R., & Saft, E. (2001). Mother's Representations of Relationships With Their Children: Relations With Mother Characteristics and Feeding Sensitivity. *Journal of Pediatric Psychology*, 26(6), 375-384.
- Schore, A. N. (2000). Attachment and the regulation of the right brain. *Attachment & Human Development*, 2(1), 23-47. doi: 10.1080/146167300361309.
- Schuengel, C., Rentinck I. C., Stolk, J., Voorman, J. M., Loots, G. M., Ketelaar, M., ...Becher, J. G. (2009). Parents' reactions to the diagnosis of cerebral palsy: associations between resolution, age and severity of disability. *Child Care Health Development*, 35(5), 673-680. doi: 10.1111/j.1365-2214.2009.00951.x.
- Skok, A., Harvey, D., & Reddihough, D. (2006). Perceived stress, perceived social support, and wellbeing among mothers of school-aged children with cerebral palsy. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 31(1), 53-57.
- Smith, A., & Grzywacz, J. (2014). Health and Well-Being in Midlife Parents of Children With Special Health Needs. *Families, Systems, & Health*, 32(3), 303-312.
- Smith, P. B., & Pederson, D. R. (1988). Maternal sensitivity and patterns of infant-mother attachment. *Child Development*, 59(4), 1097-1101.
- Smith, T. B., Oliver, M. N., & Innocenti, M. S. (2001). Parenting stress in families of children with disabilities. *American Journal of Orthopsychiatry*, 71(2), 257-261.
- Soares, I., Martins, E., & Tereno, S. (2007). Vinculação na infância. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp.47-98). Braga: Psiquilibrios.
- Song, C., Chun, B., & Choi, Y. (2015). The influence of fathers' parenting participation with disabled children on parenting stress in mothers. *Journal of Physical Therapy Science*, 27, 3825-3828.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7(4), 349-367. doi: 10.1080/14616730500365928.
- Stanley, F., Blair, E., & Alberman, E. (2000). *Cerebral Palsies: Epidemiology and Causal Pathways*. London, England: Mac Keith Press.
- Van Ijzendoorn, M., & Sagi-Schwartz, A. (2008). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 880-905). New York: The Guilford Press.
- Van Ijzendoorn, M., Vereijken, C., Bakermans-Kranenburg, M., & Riksen-Walraven, J. (2004). Assessing Attachment Security With the Attachment Q Sort: Meta-Analytic Evidence for the Validity of the Observer AQS. *Child Development*, 75(4), 1188-1213.

## CRENÇAS ACERCA DA PARENTALIDADE SENSÍVEL NA DEFICIÊNCIA

- Veness, C., & Reilly, S. (2008). Mealtime interaction patterns between young children with cerebral palsy and their mothers: characteristics and relationship to feeding impairment. *Child: care, health and development*, 34(6), 815-824. doi: 10.1111/j.1365-2214.2008.00846.x.
- Vonneilich, N., Lüdecke, D. & Kofahl, C. (2016). The impact of care on family and health-related quality of life of parents with chronically ill and disabled children. *Disability and Rehabilitation*, 38(8),761-767. doi: 10.3109/09638288.2015.1060267.
- Wang, F., Christ, S., Mills-Koonce, W., Garret-Peters, P., & Cox, M. (2013). Association Between Maternal Sensitivity and Externalizing Behavior from Preschool to Preadolescence. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 34(2), 89-100.
- Wang, H., & Jong, Y. (2004). Parental Stress and Related Factors in Parents of Children with Cerebral Palsy. *The Kaohsiung Journal of Medical Sciences*, 20(7), 334-340.
- Welch, K., Pianta, R. C., Marvin, R. S., & Saft, E. W. (2000). Feeding interactions for children with cerebral palsy: contributions of mothers' psychological state and children's skills and abilities. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 21(2), 123-129.
- Whittingham, K., Wee, D., Sanders, M. R., & Boyd, R. (2013). Predictors of psychological adjustment, experienced parenting burden and chronic sorrow symptoms in parents of children with cerebral palsy. *Child: care, health and development*, 39(3), 366-373. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2012.01396.x>.
- Woodman, A., Mawdsley, H., & Hauser-Cram, P. (2015). Parenting Stress and Child Behavior Problems within Families of Children with Developmental Disabilities: Transactional Relations across 15 Years. *Research Developmental Disabilities*, 36, 264-276. doi 10.1016/j.ridd.2014.10.011.
- Wright, N., Hill, J., Sharp, H., & Pickles, A. (2018). Maternal sensitivity to distress, attachment and the development of callous-unemotional traits in young children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 59(7), 790–800.